

Benjamin Franklin, a Wizard e o espírito do capitalismo

Benjamin Franklin, the Wizard and the Spirit of Capitalism

Rafael Mantovani

RESUMO

Weber demonstrou que o espírito do capitalismo era o resultado paradoxal da ética protestante, dentre outras coisas. O sentido que Carlos Martins, ex-dono da Wizard, conferiu à sua própria ação, ao contrário disso, não contradiz religiosidade e espírito capitalista. A hipótese que este artigo pretende levantar é que esse sentido é consequência de certa distribuição do monopólio da graça, própria do mormonismo (religião à qual ele é afiliado), que se somou à influência de Benjamin Franklin sobre Martins, observada no livro 6 do material didático de inglês da sua escola de idiomas usado até 2010. De acordo com Martins, o seu empreendimento financeiro e o empreendimento religioso se misturam e se complementam como conduta exemplar a ser seguida para enriquecimento e salvação.

Palavras-chave: Mormonismo, Capitalismo, Ética, Ensino de línguas, Pregação

ABSTRACT

Weber demonstrated that the spirit of capitalism was the paradoxal result of the protestant ethics, among other things. The meaning that Carlos Martins, former owner of Wizard (school of languages), attributed to his own action, on the contrary, do not contradict religiosity and capitalist spirit. The hypothesis of this essay is that this meaning is a consequence of a certain distribution of the monopoly of grace – typical of Mormonism (religion to which he is affiliated) – that was added to the influence of Benjamin Franklin over Martins, which can be noticed in book 6 of the teaching material used by his English School until 2010. According to Martins, both his financial and religious entrepreneurships are mixed and complement each other as a role model to be followed in order to reach wealth and salvation.

Keywords: Mormonism, Capitalism, Ethics, Language teaching, Preaching

¹Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Instituto Gino Germani do Programa de Pós-graduação da Universidad de Buenos Aires. Email: mantovani@usp.br.

1. INTRODUÇÃO

No início de 2014, o curitibano Carlos Martins se tornou o novo bilionário da Forbes após vender os 78% que possuía do grupo Multi Holding, por R\$ 1,3 bilhão. Possuindo ainda outros negócios, o patrimônio de Martins passava dos bilhões em moeda americana¹. A Multi Holding possui quase o monopólio no ensino de idiomas. Mas não possui “apenas” escolas de idiomas: além da Wizard, Skill, Alps, Yázigi, a Hold, ela é também dona da People Comunicação, S.O.S., Bit Company e Microlins². Carlos *Wizard* Martins (como é conhecido) começou como professor, trazendo ao Brasil um método específico de ensino de línguas; e de professor passou a empresário cujo grupo comandava a maioria desse mercado, e agora se tornou bilionário. E como Carlos Martins entende o seu próprio sucesso econômico?

Nas entrevistas que concede, é comum que Carlos Martins enfatize a sua filiação religiosa com os mórmons: busca atribuir o seu sucesso à sua religiosidade. No material da Wizard que veremos mais adiante, não havia absolutamente nenhuma neutralidade a esse respeito: os estudantes eram convidados à religiosidade, o que, diga-se de passagem, gerava inúmeros constrangimentos aos professores – mesmo aos religiosos – devido a certo consenso já bastante assegurado na sociedade brasileira de que pregar em sala de aula não é adequado. Junto com o material da Wizard, vinham folhetos com mensagens puramente religiosas ou de *autoajuda*. Entretanto, a religiosidade não estava apenas *junto aos* livros, estava também *no conteúdo pedagógico* dos livros. O aspecto espiritual era, em diversos momentos do curso, trazido à tona para discussão.

Antes de 2010, o material de inglês da Wizard contava com 12 livros. Analisando-se elementos presentes nos livros 5 e 6, nota-se o messianismo próprio do mormonismo somando-se à ética protestante revestida de valores religiosos. De acordo com o sentido que Carlos Martins ofereceu aos valores que apresentava, o espírito do capitalismo não seria o paradoxo das consequências desses valores religiosos, mas sim, a sua sequência lógica.

No livro 5, as lições de *listening* eram pautadas em textos informativos: o que era a Internet, *fitness*, televisão; falava-se a respeito de algumas cidades dos Estados Unidos como Phoenix, Boston, Filadélfia; sobre a importância do inglês, dos estudos fora do país

de origem, o que era o TOEFL, o que era ser *Au Pair*. O texto da nona lição, entretanto, parecia demasiado específico: era um “informativo” sobre a Brigham Young University. Compreende-se a existência desse texto pelo fato de o próprio Carlos Martins ter ali estudado. Considerada a melhor universidade de administração dos Estados Unidos, foi fundada por mórmons e é propriedade deles. Pois bem: por causa desse texto, os professores da rede Wizard tinham a necessidade de mencionar esses dados a respeito de Martins e dos mórmons. Nessa aula, portanto, os professores – que seguissem o material – teriam que apresentar o dono da empresa, cuja foto aparecia em todos os livros da rede ao lado de uma mensagem motivadora e de boas-vindas.

O livro seguinte, o 6, trazia a ética de Benjamin Franklin. Da maneira como ela era colocada no livro e no material didático de inglês como um todo, o que se sugeria era que era possível (e desejável) alcançar o sucesso obtido por Carlos Martins. E, claro, isso era possível caso se adotassem os princípios que ele adotou: uma mistura de espírito do capitalismo e religiosidade.

“Espírito capitalista” é aqui entendido como o definiu Weber: “ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, no mais rigoroso resguardo de todo gozo imediato do dinheiro ganho, algo tão completamente despido de todos os pontos de vista eudemonistas ou mesmo hedonistas e pensado tão exclusivamente como fim em si mesmo [...]” (Weber, 2004, p. 46). Como veremos, no material da Wizard essa ética foi revestida com aspecto religioso e esse fenômeno ocorreu devido à filiação mórmon de Carlos Martins.

Em seguida veremos a apropriação de Benjamin Franklin feita no livro 6 e como a doutrina mórmon pode explicar a maneira pela qual Carlos Martins religou Deus com um comportamento que poderia ser condenado espiritualmente como avareza por um enorme número de religiões.

2. BENJAMIN FRANKLIN E O LIVRO 6

Benjamin Franklin (1706-1790) foi um importante ideólogo da nação norte-americana: jornalista, cientista, abolicionista, escritor, político, diplomata e um dos *Founding Fathers* dos Estados Unidos. Interessa-nos a sua *Autobiografia* (iniciada em 1771 e publicada postumamente).

Franklin resolveu-se por não adotar nenhuma denominação religiosa a partir da sua adolescência, apesar de mencionar a filiação de sua família ao protestantismo (cf. Franklin, 1963, p. 6), a sua educação presbiteriana e que contribuía anualmente com o único ministério presbiteriano da Filadélfia (cf. Idem, p. 76). Não via, contudo, utilidade prática nos sermões a que assistia. Assim sendo, apesar de inegavelmente ter tido nos seus escritos e no seu estilo de vida inúmeros dos preceitos protestantes, parece ter preferido se chamar de *deísta*, criando o seu próprio sistema moral, sem conceitos específicos de nenhuma religião:

Evitei-os propositadamente, pois, estando plenamente convencido da utilidade e excelência de meu método, e da possibilidade de ser êle vantajoso para pessoas de tôdas as religiões, e pretendendo mais cedo ou mais tarde publicá-lo, não quis incluir coisa alguma que criasse contra êle prevenções de qualquer pessoa, de qualquer seita (1963, p. 85-86).

Muito exitoso na tentativa de universalizar as suas virtudes, elas de fato não se restringiram a nenhum dos desdobramentos do protestantismo e puderam ser utilizadas mesmo como princípios totalmente laicos. As virtudes de Benjamin Franklin seriam a sistematização máxima do homem que trabalha para dominar seus impulsos e servir a Deus, sem necessariamente voltar-se a este Deus ou aos sacramentos, mas sim, tendo a necessária observância da sua conduta intramundana. O homem, como ferramenta de Deus (princípio-guia protestante em diversos dos seus desdobramentos), não coage a Deus com sacramentos, ao contrário, coage e reprime a si mesmo. Logo no início da sua autobiografia, textualmente destinada ao seu filho, para que conhecesse seu pai melhor, apresenta o forte teor religioso nos primeiros parágrafos:

Falando em agradecer a Deus, desejo com toda a humildade reconhecer que devo a mencionada felicidade de minha vida passada à Sua bondosa providência, que me conduziu aos meios de que usei e que me deram bons resultados. Minha crença nisso leva-me a esperar, embora não deva *presumir*, que a mesma bondade me será ainda demonstrada, conservando aquela felicidade ou permitindo-me suportar um revés fatal, que poderei sofrer como outros sofreram, pois a forma de minha sorte futura só é conhecida Dêle, que tem o poder de abençoar-nos mesmo em nossas aflições (Idem, p. 4).

Aqui, as ideias do homem como instrumento de Deus e de Providência divina estão presentes, que podem ser somadas a outras características bastante importantes do puritanismo: “Apesar do destino estar determinado por Deus, como um cristão deve *agir* no mundo?” é a pergunta feita no parágrafo acima e que também se faziam calvinistas e aqueles de ramificações calvinistas. Em outros textos, entretanto, Benjamin Franklin reformulou a questão da seguinte forma: “Como *um cidadão* deve agir no mundo?”, pois estava preocupado não só com a utilidade da moral, mas também com a sua universalização. Ora, essa mudança não faz com que a pergunta não seja similar à feita pelo protestante; entretanto, justamente por não expressar a devoção, é a ética que pode ser assumida por qualquer agrupamento social, religioso ou não.

De início, eram 12 as virtudes enumeradas por Franklin, mas um colega *quaker* o havia advertido do seu orgulho. Assim sendo, ele resolveu acrescentar a 13ª, a *humildade*. Enfim, as 13 virtudes são:

1 – TEMPERANÇA

Não comas até o entorpecimento; não bebas até a exaltação.

2 – SILÊNCIO

Não fales senão o que possa beneficiar aos outros ou a ti; evita conversa frívola.

3 – ORDEM

Que tôdas as tuas coisas tenham seus lugares; que cada parte de tua atividade tenha seu tempo.

4 – RESOLUÇÃO

Resolve realizar o que deves; realiza sem faltar com o que resolves.

5 – FRUGALIDADE

Não faças despesa alguma a não ser para o bem de outros ou de ti; isto é, não desperdices coisa alguma.

6 – DILIGÊNCIA

Não percas tempo; emprega-o sempre em algo útil; suprime tôdas as ações desnecessárias.

7 – SINCERIDADE

Não uses ardis lesivos; pensa com inocência e justiça, e, se falares, fala do mesmo modo.

8 – JUSTIÇA

Não prejudiques ninguém fazendo o mal ou omitindo os benefícios que são do teu dever.

9 – MODERAÇÃO

Evita os extremos; não te ofendas com injúrias mesmo quando pensas que as mereces.

10 – LIMPEZA

Não tolere falta de limpeza no corpo, nas roupas ou na habitação.

11 – TRANQUÍLIDADE

Não te deixes perturbar por ninharias ou por acidentes comuns ou inevitáveis.

12 – CASTIDADE

Usa raramente dos prazeres carnis, apenas por motivo de saúde ou reprodução, nunca até o entorpecimento, à fraqueza ou em prejuízo da tua própria paz ou reputação de outrem.

13 – HUMILDADE

Imita Jesus e Sócrates (Idem, p. 78).

A ordem das virtudes não era aleatória: obtendo-se a primeira, seria mais fácil chegar à segunda; em seguida, à terceira e assim sucessivamente.

Este era um quadro que apresentava no livro (Idem, p. 80). Franklin dizia querer adquirir o hábito de todas essas virtudes e, para isso, se fixaria em cada uma por vez. Marcava as faltas que cometia com relação a cada uma das virtudes nos respectivos dias da semana. Neste quadro, havia se fixado na temperança e deixado as demais à sua sorte. Quando não houvesse nenhuma marca na linha da temperança em nenhum dia significaria que nenhuma falta contra essa virtude havia sido cometida e ela estava

consolidada. Portanto, poderia passar a se preocupar com outra virtude, pois esta já estaria introjetada. Franklin fazia este exercício (que chamava de curso) em 13 semanas, quatro vezes por ano.

Seus horários, extremamente regulados, também são apresentados na sua autobiografia: das 5 às 7, se levantava, se lavava, dizia a oração “Poderosa Bondade!”, organizava as atividades do dia e tomava o café da manhã. Das 8 às 11, trabalhava; do meio-dia à 1, costumava ler ou examinar as contas e almoçava; das 2 às 5, trabalhava; das 6 às 9, organizava suas coisas, jantava, escutava música ou tinha algum outro tipo de diversão e fazia o exame de consciência

do dia; das 10 às 4 da manhã, dormia.

	D	S	T	Q	Q	S	S
T.							
S.	X	X		X		X	
O.	XX	X	X		X	X	X
R.			X			X	
F.		X			X		
D.			X				
S.							
J.							
M.							
L.							
T.							
C.							
H.							

Tinha duas orações diárias. A primeira:

Ó poderosa Bondade! Pai generoso! Guia piedoso! Aumenta em mim aquela sabedoria que descobre meus mais verdadeiros interesses. Fortalece minha resolução de executar o que dita aquela sabedoria. Aceita meus bons ofícios junto a teus outros filhos, como a única retribuição ao meu alcance para teus contínuos favores a mim (Idem, p. 82).

E a segunda:

Pai da luz e da vida, Deus Supremo!
Ensina-me o que é bom; ensina-me Tu Mesmo!
Salva-me da loucura, vaidade e vício,
De tôdas as atividades baixas; e enche minha alma
De conhecimento, paz consciente e virtude pura;
Bem-aventurança sagrada, substancial e eterna! (Idem, ibidem).

A primeira coisa a chamar a atenção é ele entender essa conduta ética, de racionalidade e cálculo impressionantes, como fruto da sua religiosidade. E a segunda é não se definir religiosamente, sendo esta ética algo que poderia, portanto, ser assumido por qualquer estadunidense, se bom cidadão fosse. Consta que Benjamin haveria pensado em escrever um livro, que nunca tomou forma, chamado “A arte da virtude”: ser virtuoso seria um interesse de todos, e as riquezas e os conhecimentos (trazidos especialmente pela diligência e frugalidade) fariam do indivíduo um cidadão útil, pronto para fazer o bem à humanidade.

Assim, Benjamin fez do homem virtuoso um calculador preciso, racionalizador de todos os aspectos da vida. Foi, assim, personagem importante no desenraizamento religioso da ética intramundana, pois saía do âmbito de uma religião em particular para se configurar como ética universal.

O livro 6 da Wizard buscou atualizar o texto de Benjamin Franklin. Contudo, o resultado foi a apresentação de um Benjamin Franklin filósofo, consultor empresarial e pioneiro do ambientalismo. As lições 5 e 6 do livro, que apresentavam as duas primeiras virtudes de Franklin – (1) *temperança* e (2) *silêncio* –, não tinham mudanças significativas de interpretação na tentativa de trazer exemplos práticos para tais virtudes. Em

contraposição, a virtude da (3) *ordem* era apresentada primeiramente como individual e, em seguida, como um pré-requisito para que empresas pudessem crescer: segundo o livro, todos os indivíduos dentro de uma empresa, do presidente às secretárias, deveriam ter os mesmos princípios, alvos e ideais. Não bastaria apenas organizar-se a si próprio, a virtude apresentada no livro tratava da necessidade de ordenar pessoas no que diz respeito aos seus princípios que, necessariamente, deveriam ser os mesmos para se trabalhar harmoniosamente.

A virtude da *frugalidade* (5) era explicada no livro como a capacidade de não desperdiçar nada, usar o dinheiro de forma inteligente, barganhar e sempre buscar fins mais significativos. Vinha à tona a típica ideia de que a inteligência econômica traz a acumulação de dinheiro em seu bojo, devido à necessidade de usar os recursos obtidos em coisas duradouras. Aqui, mais uma vez aparecia a necessidade de não utilizar do dinheiro para prazeres passageiros (como aparecia na ética puritana)³; contudo, já não se tratava mais de não o usar para renunciar ao mundo, mas exatamente para devolvê-lo ao mundo de forma inteligente, que servisse a si mesmo como forma de engrandecer-se e fazer o bem. Ou seja, a empresa capitalista estaria em nome do bem.

A *diligência* (6) era apresentada não como uma tarefa de racionalização da própria ação para o bem da humanidade, mas sim, como uma espécie de precaução contra o aumento de exigências do mercado. Em um mundo de competição, a *sobrevivência* dependeria da diligência e da produtividade. O mundo não seria afável: isto não deveria ser deixado de lado.

A apresentação da virtude da *limpeza* (10), hoje, pode parecer algo pueril pelo fato de a higiene como limpeza ter se consolidado nos séculos XIX e XX no mundo ocidental (La Berge, 1992); portanto, para tornar mais respeitável a sua apresentação em sala de aula, foi incorporada a ideia de *limpeza mental*, ou seja, pensamento positivo e puro seria necessário à única espécie sobre a Terra que sabe distinguir o bem do mal; afinal, dizia-se que animais agiam apenas por instinto. Dizia-se também que a limpeza era necessária para a decência e aceitação social; sem ela, nem saúde nem respeito poderiam ser mantidos por muito tempo.

Entretanto, a que mais chama a atenção é a 12ª virtude: na lista original de Benjamin Franklin, tratava-se da *castidade*; já no material da Wizard, tal palavra não

poderia constar pelo peso que acarreta. Assim sendo, a palavra foi trocada por *conservação*. Ao início do texto, Benjamin Franklin era transformado no primeiro grande ambientalista da história: afirmava-se que quando ele incorporou a virtude da conservação (sic.) em sua lista, ele talvez estivesse prevendo a catástrofe que viria posteriormente. Em seguida, o texto se tornava pouco objetivo. Mencionava-se que, mais do que virtudes individuais, virtudes cívicas e de cidadania seriam necessárias para se viver bem. Portanto, seria necessário ensinar os princípios da *conservação* às crianças antes que fosse “tarde demais”. Ora, mesmo iniciado com o viés ambientalista, o texto apontava para a importância da educação pueril *antes que fosse tarde demais*, o que poderia sugerir a necessidade de castidade. Afinal, é curioso o fato de que, exatamente na virtude que, originalmente, se chamava castidade, terem sido mencionadas as crianças e a conservação no material da Wizard. Por que “conservação”? Segundo Weber, a experiência artística e a experiência erótica seriam as mais intensas, e negá-las “podia aumentar a força, com a qual as energias afluíam à via das produções racionais, tanto éticas como até puramente intelectuais” (Weber, 2006, p. 347). Tido o sexo como força demoníaca, controlar a sexualidade demonstraria uma descendência sadia, estabelecendo hierarquias sociais, determinando como *bom* aquele que melhor dominava seus impulsos e sabia como direcioná-los às atividades intramundanas racionais. “Conservar-se” dizia respeito a todo o corpo, seja ele o ambiente, seja o próprio indivíduo. O texto tendia a dar a seguinte lição: que as crianças percebam logo na tenra idade a necessidade de conservar o seu corpo para não cair no vício, o que impediria o desenvolvimento moral (econômico) da sua personalidade.

Essa pregação constante e o culto de si mesmo de Carlos Martins podem ser compreendidos pela sua filiação religiosa.

3. OS MÓRMONS

No século seguinte ao que Franklin viveu, surgiu o mormonismo. Tal religião tem como figura principal Joseph Smith Jr. (1805-1844). Sua família, cujos ancestrais eram puritanos e profundamente religiosos, não era adepta a nenhuma igreja; o que não é

nenhuma novidade uma vez que até 1850 poucos eram os norte-americanos que estavam religiosamente institucionalizados (cf. Neves, 2005, p. 35-36).

Dentro das diversas correntes do protestantismo, a mais radical era a dos *seekers*, que apregoava uma restauração evangélica e da autoridade divina (cf. Idem, p. 61) diante da apostasia. Em termos religiosos, o início do século XIX norte-americano se caracterizou pela busca de formas mais rigorosas de conexão religiosa e culto. A necessidade de descobrir qual era a verdadeira voz de Cristo foi o que parece ter feito com que Smith Jr. criasse a sua própria igreja⁴, criando seguidores logo no seu início. Joseph Smith Jr. até concorreu à presidência, mas foi assassinado poucos dias antes das eleições, em 1844.

Mesmo sendo uma crítica ao catolicismo e ao protestantismo, o mormonismo não pode ser entendido senão como agente unificador de culturas e simbolismos, tendo sorvido experiências do Velho e do Novo Testamento, assim como a própria experiência estadunidense, da maçonaria e da magia popular (cf. Idem, p. 113).

A negação carismática do mundo⁵ dos mórmons cedo cedeu à rotina de uma igreja convencional (cf. Idem, p. 67), apresentando um o caráter muito ativo de expansão e busca de conversos.

Os missionários mórmons reivindicam para si a exclusividade da autoridade divina sobre a Terra. Todo o desenvolvimento doutrinário do mormonismo, sob o comando do profeta Joseph Smith, pode ser considerado uma bem-sucedida busca pragmática pela autoridade religiosa (Idem, p. 63).

De determinada maneira, há aqui certa afinidade com o islamismo no que diz respeito à sua vocação expansionista, entretanto, mais do que *submeter* todos ao poder do seu respectivo deus, os mórmons buscam *converter* todos os homens da Terra, uma vez que reivindicavam o monopólio da verdadeira palavra de Cristo. Somente os servos *devidamente autorizados* podem conferir a salvação:

Somente aqueles que tiverem se arrependido de seus pecados, sendo batizado pelos servos de Deus devidamente autorizados, e que perseverarem até o fim através do arrependimento, serviço ao próximo,

e buscando melhorar os seus talentos e atributos divinos serão salvos através do sacrifício de Jesus Cristo (*Os missionários mórmons*).

Certamente o batismo é monopólio do sacerdócio. Entretanto, o sacerdócio não é uma categoria fechada, conforme consta no site oficial da igreja:

The word priesthood has two meanings. First, priesthood is the power and authority of God. It has always existed and will continue to exist without end (See Alma 13:7-8; D&C 84:17-18). Through the priesthood, God created and governs the heavens and the earth. Through this power, He exalts His obedient children, bringing to pass “the immortality and eternal life of man” (Moses 1:39; see also D&C 84: 35-38). (*The Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints* <https://www.lds.org/topics/priesthood?lang=eng>).

A segunda definição de “priesthood” não aparece no site. Contudo, chama a atenção o fato de que, no documento mais acessível da igreja, o “sacerdócio” seja definido como *poder e governo de Deus sobre o céu e a Terra*.

Tal teologia, como se nota, incentiva a busca individual pela perfeição e favorece o progresso. O que leva, por sua vez, à deificação do homem (ou, ao menos, dos homens “devidamente autorizados”). O comportamento de cada indivíduo deve fazer valer o sacrifício de Jesus. E a perfeição humana, logicamente, se inicia com a perfeição moral. O homem deve se inspirar na conduta exemplar de Jesus Cristo em meio a um mundo corrupto.

Como os mórmons entendem a moral e a salvação? A teodiceia dos mórmons prevê que haverá um último julgamento de Deus que, diferentemente do catolicismo e protestantismo, não divide a humanidade entre bons e maus, mas reconhece graus de bondade e maldade. Há três graus de glória: o mais elevado, o Reino Celestial; o médio, o Reino Terrestial; e o mais inferior, o Reino Telestial. Os condenados não serão levados a nenhum desses reinos, serão deixados nas Trevas Exteriores, onde está Satanás. A conquista da glória é obtida, como apontado, de acordo com o *grau* de bondade.

E como se obtém a salvação? “Esta vida é um tempo para aprendizado e crescimento. Precisamos aprender a distinguir o bem do mau e fazer escolhas sábias” (*Os missionários mórmons*).

E em que consiste este crescimento?

Durante esta vida também é esperado que casemos e construamos uma família justa e que sirvamos as pessoas ao nosso redor. Devemos compartilhar as boas novas sobre Joseph Smith com os nossos amigos e família, para que assim eles também possam se alegrar conosco (*Missionários Mórmons*).

Dois pontos devem ser destacados como importantes aspectos que viriam a influenciar a teologia mórmon: a época e o local, quais sejam, o século XIX e os Estados Unidos. O século XIX foi marcado pelo surgimento do Positivismo. A precisão do cálculo e o cuidado com a minúcia (herdeiros da Revolução Industrial) ecoavam para dentro das esferas sociais: ciência, trabalho, comportamento e também a moral. Benjamin Franklin parece ser o grande exemplar da incorporação do cálculo na esfera ética, que teve uma importância crucial para a formação simbólica estadunidense. Da mesma forma, o julgamento dos comportamentos passava a se tornar mais refinado, separando não apenas binariamente os bons e os maus, mas colocando-os em um gradiente, de forma a ser possível uma avaliação mais pormenorizada. Diga-se de passagem que, no século XIX, não apenas os mórmons constroem uma teodiceia com diversos mundos para diversas almas com graus distintos de bondade e maldade: mais ou menos na mesma época, surgia o espiritismo, na França, com Allan Kardec (1804-1869). Essa maior acuidade no julgamento estava na reflexão tanto dos mórmons quanto dos espíritas. Os seguidores de Kardec também dividiam os homens em graus de evolução: após a sua morte, seriam agrupados em mundos cujos graus lhes correspondessem. Para o espiritismo, a Terra é o mundo de *expição e prova* (Kardec, 2013, p. 58); para o mormonismo, a Terra é, ao que tudo indica, o momento da *prova*.

No que diz respeito a ser uma religião americana, é necessário chamar a atenção aos dois grandes reavivamentos (*revivals*) religiosos ocorridos nos séculos XVIII e XIX. O primeiro deles, conhecido como *Grande Despertar* (*Great Awakening*), ocorreu entre 1734 e 1750, tendo como principal personagem o pastor Jonathan Edwards (1703-1758), defensor do retorno às raízes calvinistas e do restabelecimento do temor a Deus. O *Segundo Grande Despertar* (*Second Great Awakening*), que se iniciou no primeiro

ano do século XIX, reavivou presbiterianos e colaborou para o crescimento de batistas e metodistas, assim como trouxe em seu bojo duas religiões milenaristas⁶: o mormonismo e o adventismo. O adventismo começou com William Miller (1782-1849) e tinha uma data precisa para o fim do mundo: após profetizar que Jesus viria na primavera entre 1843 e 1844, ficou estabelecido 22 de outubro de 1844 para a chegada do Senhor, dia que foi chamado de o *Great Disappointment*, afinal, Jesus não voltou e o mundo não acabou. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (a igreja mórmon), assim como os adventistas, tem a vinda derradeira do Salvador como aspecto de importância proeminente, sendo destacada inclusive na sua nomenclatura eclesiástica, afinal, tratava-se da igreja de Jesus Cristo dos santos “dos últimos dias”.

O Segundo Grande Despertar estabeleceu nos norte-americanos uma espécie de “sentimento sentinela”⁷, uma precaução permanente com o fim de tudo. Mais do que o já estabelecido cuidado com a ética mundana inaugurada com o calvinismo, nos Estados Unidos, o caráter apocalíptico das religiões gerou a disciplina e, também, o retorno do temor. Mas se o mormonismo gera nos indivíduos a necessidade de serem semideuses, poderiam os Santos dos Últimos Dias adiar o julgamento final? Talvez não, mas constituir família e compartilhar as boas novas de Joseph Smith Jr. assegurariam uma maior presença de almas nos mundos mais elevados de glória. Ou seja, os homens também podem ser salvadores de outras almas.

Com tais elementos, fica difícil enquadrar o mormonismo. Trata-se, sem dúvida, de uma religião apocalíptica. Entretanto, dois aspectos são essenciais: (1) inspirado pelo espírito estadunidense do cálculo, a sua ética (conduta de vida mundana) provém e é pautada pela ética do protestantismo; (2) há certa distribuição entre os seus adeptos do monopólio da graça: no mormonismo, os mórmons têm, em algum grau, a dádiva da graça e podem, portanto, salvar.

Por ser uma igreja milenarista surgida na primeira metade do século XIX, a espera do fim do mundo típica de quando das primeiras anunciações e promessas do mormonismo já não poderia ditar a conduta de vida dos adeptos dos tempos posteriores. “Freqüentemente, a geração seguinte reinterpreta essas anunciações e promessas de modo fundamental, ajustando as revelações às necessidades da comunidade religiosa” (Weber, 1982, p. 312). O que permanece desse milenarismo é o mencionado

“sentimento sentinela”. Assim, praticamente dois séculos depois, a “negação carismática do mundo” parece ter cedido espaço à ética econômica das religiões e seitas protestantes dos Estados Unidos. Ao menos, no caso de Carlos Martins, sim.

4. CARLOS MARTINS

Muita coisa se conta a respeito de Carlos Martins, mas é difícil averiguar a veracidade de diversos fatos. Sabe-se que estudou na Brigham Young University e voltou com um método considerado inovador no ensino de idiomas. Fala-se nas escolas da Wizard sobre o seguinte raciocínio que ele teria feito: “Eu comecei com 1 aluno, depois 2 alunos, 3 alunos, 4 alunos, 5 alunos. Depois, tive 1 turma, 2 turmas, 3 turmas, 4 turmas, 5 turmas. Então, eu ganhei 1 milhão, 2 milhões, 3 milhões... Mas vou parar por aqui”.

O método da Wizard consiste em uma forma de ensino que tem um propósito: ensinar o estudante a falar automaticamente diversas sentenças, mudando as palavras, mas compreendendo inconscientemente a estrutura da língua. Diz-se que se trata de um método inventado pelos mórmons para que pudessem aprender rapidamente outro idioma. Independentemente disso, Carlos Martins era aquele que podia, legalmente, aplicá-lo no Brasil, pois está patenteado⁸.

A história de Carlos Martins, conforme contada por ele mesmo, é indissociável do sucesso da Wizard, misturando a instituição até no seu próprio nome. Outra impossibilidade de dissociação é a figura de Carlos Martins com a religiosidade e com os mórmons. A impressão que ele passa é de um homem tranquilo, bem sucedido e muito rico. Podem-se observar as conexões que faz entre tranquilidade, religiosidade e lucratividade, por exemplo, na entrevista concedida ao programa *Show Business*⁹ em 2009. Nos primeiros segundos de entrevista, Carlos Martins menciona a sua filiação à igreja mórmon, que foi missionário em Portugal e que conheceu a mulher de sua vida em Curitiba. Após uma explicação sobre a universidade na qual estudou, começa a falar sobre a empresa Wizard: 500 mil alunos atendidos anualmente, faturamento em 2009 em torno de R\$ 1,2 bilhão, gerando 20 mil empregos, estando presente também no Japão, Estados Unidos, Irlanda e México.

Carlos Martins, além de professor e empresário, escreve. Publicou *Vencendo a própria crise* em 1993 e, em 2010, mais dois títulos: *O desejo de vencer: uma fórmula para você crescer e vencer* e *Como sonhar e realizar seus sonhos – através de uma nova dimensão emocional e espiritual*. Curiosamente, um dos livros de 2010 parece uma fórmula de crescimento empresarial; e o outro, de crescimento “espiritual”.

A respeito de *Vencendo a própria crise*, livro mais antigo e por isso melhor para ser pensado neste trabalho, chama a atenção primeiramente pelos comentadores que o leram, o elogiam e abrem o texto: Dr. John S. Tanner, vice-presidente da Brigham Young University; Dr. Richard Charles, presidente da International College of California; e a “campeã mundial de basquete” Hortência, que escreveu que era recomendável “àqueles que desejam superar a si mesmos e alcançar uma vida mais rica, produtiva e saudável”. Trata-se de um texto otimista, como a aparência do próprio Carlos Martins denota, tendo na sua capa a frase: “uma mensagem de otimismo de um *self-made man* brasileiro”. Como é e o que pensa o homem no qual devemos nos inspirar (segundo ele mesmo)?

O prefácio, escrito por Luciana Morse, diz que o autor nos mostra que é possível “levar uma vida estável, segura e produtiva em meio a um mundo de adversidades e tribulações” (Martins, 1993, p. 9). Por um lado, Morse se referia ao crescimento da empresa de Martins nos seis anos de recessão que antecederam aquele (1987-1993). Contudo, a afirmação pode ser colocada em um âmbito maior: apesar do mundo apresentar adversidades, tribulações, imperfeições e pecado, um religioso ainda assim pôde respeitar a sua ascese disciplinada e economicamente orientada.

O início do texto de Carlos Martins apresenta sua infância como humilde. Também menciona a sua pretensa facilidade com o inglês: tendo seis irmãos quando sua mãe ainda tinha 25 anos, Martins diz ser “grato a Deus por ter aprendido cedo o valor do trabalho” (Idem, p. 14) e dava aulas aos colegas com dificuldade em línguas.

Desde tenra idade, comecei a desejar vender, a querer vender; ter prazer em vender; vender mais; ganhar mais; negociar; não ter medo das pessoas; acostumar-me a ouvir *não*; festejar a hora do *sim*; mudar o produto; melhorar a qualidade; fazer promoções; oferecer descontos; parcelar pagamentos; cobrar juros; calcular a inflação; avaliar; relatar... e contar os lucros (Idem, p. 15).

Após demonstrar como a vida sistematizada gera riqueza, começa a descrever a sua primeira viagem aos Estados Unidos e a sua passagem pela Europa de forma muito breve. Quando entra no capítulo dois (*Uma crise chamada eu*), parece que há certa conexão entre viagem (no sentido estrito do termo, afinal, ele viajou pelo mundo) com crescimento pessoal. Contudo, Martins começa a falar sobre a necessidade de olhar para dentro de si (esta é a *viagem* à qual ele se refere), não ter medo de si próprio e interrogar-se para abrir a chave dos sonhos que se encontra no próprio íntimo de cada um. Olhando para dentro de si, o indivíduo recebe a seguinte bênção:

Agora chegou o dia abençoado de sua emancipação e independência. Basta olhar para dentro de si mesmo e você terá todas as respostas que procura. Afinal, a alegria, a felicidade e as riquezas lhe pertencem, foram criadas para você, e estão aguardando ansiosamente que você as reivindique (Idem, p. 29).

Compreendendo bem quem se é, é possível indagar o desejo e, muito provavelmente, deixar de refutar o óbvio desejo por dinheiro:

O que faz dinheiro é o desejo pelo dinheiro. O desejo profundo, sincero e honesto é a matéria-prima mais valiosa que você pode ter ou desenvolver para alcançar seus sonhos. O desejo constrói pirâmides, pontes, rodovias, muralhas, estádios, templos, descobre novas terras, planetas, estrelas, desvenda os mistérios da ciência, cria pinturas e esculturas. Enfim, tudo o que você contemplar ao seu redor é o reflexo materializado do desejo de algum indivíduo (Idem, p. 32).

Passagem que reflete como a ética protestante pode legitimar o progresso: não se deve mais envergonhar-se do desejo de enriquecer. Afinal, o enriquecimento constrói. E constrói, também, no sentido mais concreto na palavra.

Logo na próxima página, o autor rebate a afirmação daqueles que afirmam não terem ambição e nem desejarem o luxo: para Carlos Martins, esta afirmação é falsa. Em seguida, o autor parece reconhecer o caráter herege que alguns poderiam conferir ao seu texto e diz que “as leis do sucesso são eternas, infalíveis e imutáveis” (Idem, p. 36) antes de entrar no texto denominado *Não é errado ganhar dinheiro*. O conteúdo desse

texto é fácil de deduzir: diz-se que não há virtude na pobreza e que nem mesmo Deus se alegra com a existência dela. Felizmente, segundo o texto, há cura para essa anormalidade. Seguem algumas fórmulas de condicionamento mental e de como traçar metas.

No capítulo quatro, Martins fala de um livro que o impressionou muito: *The wizard of Oz*, afinal, cada um dos personagens tinha um desejo. Após uma grande jornada em que chegaram a culpar inclusive a Deus, chegam a Terra de Oz e são, enfim, instruídos pelo grande e sábio Wizard. Já ao final no livro, Carlos Wizard Martins conclui:

Não tenho dúvida de que a Wizard Idiomas nasceu sob a influência da inspiração divina. Possuo um profundo sentimento de gratidão a Deus por esta preciosa dádiva que Ele me confiou. Tenho consciência da imensa responsabilidade profissional, social e moral que repousa em mim (Idem, p. 112).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para muitos, pode parecer estranha a importância dada por Carlos Martins à pregação religiosa nos empreendimentos que realizou. Na esfera econômica, em que a ética da fraternidade é estranha e heterogênea, Martins fez um enorme esforço para introduzir seus preceitos religiosos. Para entender o porquê dessa perseverança aparentemente destoante, é necessário compreender as animações pessoais relacionadas à sua religiosidade. Observado externamente, aparentemente trata-se de esferas distintas (o empreendedorismo e a religiosidade) da vida do empresário que, na opinião de muitos dos seus empregados diretos e indiretos, deveriam estar separadas. Contudo, compreendida a constelação que movia todos os elementos em questão, fica clara a maneira como todos eles se relacionaram, não de forma destoante, mas sim como potencializadores uns dos outros.

A conduta economicamente disciplinada já foi suficientemente explicada por Max Weber como uma espécie de atitude religiosa que, automatizada do campo religioso,

funcionou como ética retroalimentada e necessária para um bom empreendimento financeiro e crescimento pessoal e da sociedade/comunidade. Mesmo tornando-se laico, o trabalho individual volta a ser visto como uma possibilidade de se fazer o bem, assim, retorna para o campo da ética. E qual é esta ética, laica e lógica, que leva ao crescimento individual e comunitário? Talvez o esboço melhor acabado seja Benjamin Franklin, considerado o tipo ideal do capitalismo pelo próprio Weber. Tal ética era apresentada no material didático da Wizard. Mas isso só era feito após ter sido bem apresentado o próprio Carlos Martins, o que parece ter tido como propósito explicitar que aqueles princípios foram aplicados por ele e, caso aplicados por qualquer um, a possibilidade de crescimento econômico semelhante aumentaria. O resultado da sistematização do sentido que ligava lucro a Deus exposto nos seus livros também aparecia como pregação no material da sua rede de ensino. Nota-se um desejo de Carlos Martins de emergir como o Franklin brasileiro. A sua conduta seria a conduta exemplar, como um dia foi a de Franklin.

E por que, mesmo apresentando a ética da frugalidade, temperança e diligência, há a necessidade de trazer os aspectos religiosos? Entra a deificação do homem proporcionada pela distribuição do monopólio da graça no mormonismo. São bastante compreensíveis, portanto, por um lado, o egotismo, bastante evidente ao se constatar a presença constante da pessoa que comandava a(s) empresa(s) no material didático, anúncios, publicação de livros, assim como, de outro, a notável necessidade de trazer os alunos para a vida religiosa, mostrar-lhes a importância de ter uma vida espiritual. Esta parece ter sido a missão que Carlos Martins se incumbiu, de acordo com o seu próprio livro de 1993. Em meio a um mundo aparentemente distanciado de Deus, Martins pretendeu aparecer como o Wizard de Oz que não apenas ajudaria os indivíduos a descobrir as suas potencialidades, como também poderia ser aquele que os levaria ao caminho da vida eterna no céu, ou seja, da salvação, tarefa que ele compreendia como dádiva divina que lhe foi conferida por meio do seu empreendimento de ensino.

6. BIBLIOGRAFIA

FRANKLIN, Benjamin. (1963), *Autobiografia*. São Paulo, Ibrasa.

_____. (2010), *Way to health*. Princeton, Princeton Cambridge Publishing Group.

LA BERGE, Ann. (1992), *Mission and method: the early nineteenth-century French public health movement*. Cambridge-UK / Nova Iorque, Cambridge University Press.

KARDEC, Allan. (2013), *O evangelho segundo o espiritismo: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida*. Brasília, FEB.

MARQUARDT, H. Michael & WALTERS, Wesley P. (1998), *Inventing Mormonism: tradition and the historical record*. São Francisco, Smith Research Associate.

MARTINS, Carlos Wizard. (1993), *Vencendo a própria crise*. Rio de Janeiro, Record.

NEVES, André Ruz. (2005), *Linha sobre linha: investigação sobre a sociologia da dominação carismática e da cotidianização do carisma no mormonismo (1820-1847)*. São Paulo, 338 p. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SMITH Jr., Joseph. (1970), *O livro de Mórmon*. São Paulo, Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias/Centro editorial brasileiro.

WEBER, Max. (1964), *Economía y sociedad. Esbozo de sociología comprensiva*. México, Fondo de Cultura Económica.

_____. (1982), *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro, LTC.

_____. (2004) *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo, Companhia das Letras.

_____. (2006), *Sociologia das religiões e consideração intermediária*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.

Os missionários mórmons. http://www.missionariosmormons.org/62/plano_de_salvacao consultado em 10/06/2011.

The Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints. <https://www.lds.org> consultado em 16/11/2014.

¹ <http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/carlos-wizard-martins-e-o-mais-novo-bilionario-da-forbes>

² Também iniciou processo judicial contra a Wisdom em 1994, alegando que os seus proprietários Alexandre e Lílian Pradera, ex-franqueados da rede Wizard, teriam plagiado o material da rede para criar a sua própria marca. A Wizard ganhou o caso.

³ E também posteriormente na ética capitalista.

⁴ Uma seita “Se trata de una comunidad que, por *su sentido y naturaleza*, rechaza necesariamente la universalidad y debe necesariamente basarse en un acuerdo completamente libre de sus miembros. Debe ser así, porque se trata de una organización aristocrática, de una asociación de personas *calificadas* desde el punto de vista religioso. No es, como una ‘iglesia’, un instituto dispensador de gracias, que proyecta luz sobre los justos y los injustos y que cabalmente quiere llevar a los pecadores al redil de quienes cumplen sus mandamientos divinos” (Weber, 1964, p. 932).

⁵ “Los comienzos de toda religiosidad éticamente orientada e influida por esperanzas escatológicas se encuentran bajo el signo de la negación carismática del mundo: son directamente antieconómicos” (Idem, p. 916).

⁶ Ou seja, com a crença de que a segunda vinda de Cristo estaria próxima.

⁷ Expressão usada pelo professor Antônio Flávio Pierucci ao se referir a essa peculiaridade das religiões milenaristas.

⁸ Pouca gente, mesmo dentro da Wizard, sabe o nome da metodologia, contudo, os que sabem a chamam de PNL (Programação Neuro Linguística). Alguns sites mencionam que é um método que utiliza avançadas técnicas de linguística. Esta metodologia é também conhecida pejorativamente como *parrotting*. Consiste em repetições para a automatização da língua. Apesar de trazer como efeito colateral aulas pesadas e com forte teor *behaviorista*, o que desagrada a muitos, era a rede que mais crescia em 2010, pois a eficácia do método era algo de que nem as escolas concorrentes discordavam. Para contrabalançar esse método maçante, havia as partes de *listening* e *conversation*, que se aproximavam mais de uma abordagem comunicativa. Era nessa parte que se encontravam os textos mencionados acima.

⁹ A entrevista pode ser vista em <http://www.youtube.com/watch?v=Fmn19BDzSUU>.